

CINEMA

A linguagem em *Desmundo* e *Como era gostoso meu francês*



Dois filmes brasileiros podem ser destacados no que se refere a um cuidadoso tratamento lingüístico: *Como era gostoso o meu francês*,

de Nelson Pereira dos Santos (1971) e *Desmundo* (2003) do diretor Alain Fresnot.

O primeiro é baseado no diário do viajante alemão Staden, feito prisioneiro pelos índios tupinambás – adeptos do canibalismo – no Brasil do século XVI, e que consegue escapar, voltar para a Alemanha e publicar a sua história. Além da narrativa de Hans Staden, *Como era gostoso o meu francês* insere elementos relatados por outro viajante da época, o francês Jean de Léry. Os rituais, os costumes e os diálogos em tupi (elaborados pelo cineasta Humberto Mauro) revelam precisão no tratamento etnográfico do cotidiano indígena. A precisão etnográfica aliada à ousadia do cineasta culmina no ritual canibalístico no qual Staden é devorado. *Desmundo*, filme de 2003 do diretor Alain Fresnot, enfoca o Brasil do início da colonização portuguesa. Baseado no livro homônimo de Ana Miranda, o filme narra a trajetória de Oribela, jovem órfã vinda de Portugal para ser entregue como esposa, juntamente com outras

mulheres na mesma condição, aos homens da colônia. Com fidelidade à arquitetura colonial e cuidado no tratamento cenográfico para retratar, com verossimilhança, o recém Brasil-Colônia do ano de 1570, os diálogos do filme foram feitos em português arcaico, incluindo-se falas em línguas indígenas e africanas.

HISTÓRIA

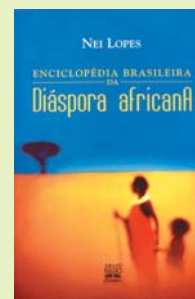
Conexões da língua no Brasil colonial

Percorrer a história do Brasil a partir das conexões entre línguas, política e religião nos séculos XVI a XVIII: esse é o objetivo da lingüista Bethania Mariani, no livro *Colonização lingüística*, publicado pela editora Pontes. A autora inicia a sua análise com a chamada “língua geral” – o tupi – diante da qual uma variedade de línguas nativas pré-coloniais foi submetida. Esse mesmo tupi, adotado pelos missionários para catequização cristã, irá rivalizar com o português, utilizado pela Coroa Portuguesa para estender o seu domínio sobre o Brasil-Colônia. Mariani introduziu a noção de colonização lingüística para explorar as relações de poder entre Brasil e Portugal. Nesse sentido, a história da língua no Brasil acompanha o próprio surgimento da nação brasileira. Para abordar esse processo, a autora utiliza um contraponto entre o português e

o inglês, duas diferentes línguas de colonização, tratando, assim, de uma perspectiva relacional e inusitada, da situação, no século XVIII, dos Estados Unidos e do Brasil.

ENCICLOPÉDIA

A presença africana no Brasil e no mundo



Iniciativa importante num contexto em que disciplinas relativas à história da África e ao povo negro no Brasil tornaram-se obrigatórias nos currículos escolares brasileiros, foi lançada, em novembro de 2004, a *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, de Nei Lopes. Publicada pela editora Selo Negro, a obra contém 9 mil verbetes, distribuídos ao longo de 720 páginas que tratam da presença dos afro-descendentes nas Américas e em outras partes do mundo.

Lopes também é o autor do *Dicionário Banto do Brasil*, reeditado, pela editora Pallas, em 2003. A obra é o resultado de uma investigação sobre a influência dessa língua africana no português que hoje é falado no Brasil. Para tanto, o autor pesquisou as falas das ruas, além da música e da literatura brasileira, para recolher e explicar a origem etimológica de palavras como fofoca, cafuné, moleque, quitute, cachimbo, ranzinza, dentre várias outras.

Carolina Cantarino